UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE *DESIGN* (BACHARELADO)

A ARTE DE MEXER COM O BARRO: UMA RELAÇÃO ENTRE O FEMININO, A CERÂMICA E O *DESIGN*

Bruna Innawitz

Lajeado/RS, 7 de julho 2023

Bruna Innawitz

A ARTE DE MEXER COM O BARRO: UMA RELAÇÃO ENTRE O FEMININO, A CERÂMICA E O *DESIGN*

Artigo acadêmico apresentado no componente Trabalho de Conclusão do Curso de *Design*, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em *Design*.

Orientador: Prof. Me. Raquel Barcelos de Souza

Lajeado/RS, 7 de julho de 2023

Bruna Innawitz

A ARTE DE MEXER COM O BARRO: UMA RELAÇÃO ENTRE O FEMININO A CERÂMICA E O *DESIGN*

Os avaliadores abaixo aprovam o Artigo apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I, do Curso de *Design*, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do grau de Bacharel em *Design*.

Prof. Ma. Raquel Barcelos de Souza (orientadora)
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Esp. Vagner Zarpellon
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Dra. Renata Lohmann
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Lajeado/RS, 7 de julho de 2023

A ARTE DE MEXER COM O BARRO: UMA RELAÇÃO ENTRE O FEMININO, A CERÂMICA E O *DESIGN*

THE ART OF WORKING WITH CLAY: A RELATIONSHIP BETWEEN FEMININITY, CERAMICS AND DESIGN

Bruna innawitz[1]
Raquel Barcelos de Souza[2]

Resumo: Objetos cerâmicos são utilizados pelo ser humano há milhões de anos, servindo para armazenar água, alimento e em alguns casos sendo vestimenta para rituais. Sendo assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre a mulher e a cerâmica e como isso foi inserido no meio do *design* através do tempo. Ao longo deste estudo, buscou-se entender, primeiramente, as relações do feminino e do fazer cerâmica, retomando mitos e lendas de tribos que habitavam as Américas, a forma como a mulher grega se relacionava com a cerâmica desenvolvida pelo povo (mulheres) que habitava a ilha de Marajó foi um precursor da cerâmica no Brasil. O estudo também apresenta dados que mostram a desvalorização de trabalhos feitos por mulheres durante alguns períodos históricos. Com o passar do tempo, a cerâmica, antes artesanal, passa a ser desenvolvida industrialmente com a Revolução Industrial, sendo inserida no *design* de forma mais marcante com o movimento *Arts and Crafts*, responsável por trazer uma revalorização dos trabalhos manuais, abrindo espaço para a Bauhaus, que teve em seu corpo discente ceramistas mulheres importantes. Com a ideia de dar mais ênfase às mulheres ceramistas, alguns nomes atuais são apresentados, reafirmando a presença feminina no meio cerâmico brasileiro. Sobre a metodologia científica, esta pesquisa define-se como de natureza aplicada, com propósito exploratório, com levantamento de dados realizado através de pesquisa bibliográfica com base na leitura de livros, artigos e também em materiais disponíveis em sites que tratam sobre os temas.

Palavras-chave: Feminino; Cerâmica; Bauhaus; *Design*.

Abstract: Ceramic objects have been used by humans for millions of years, to store water, food and in some cases for rituals. That being so, this article has an objective to reflect on the relationship between women and pottery and how this was inserted into the area of design through time. Throughout this study it was sought to, first of all, understand the relationships between the feminine and the making of pottery, bringing up myths and legends of tribes that inhabited the Americas, the way in which the Greek women related with pottery developed by the people (women) who inhabited the island of Marajó was the percursor of pottery in Brazil. The study also presentes data that shows the depreciation of work done by women through some periods of time. With the passing of time, pottery, once used solely as handcraft, goes on to be industrially developed with the Industrial Revolution, being inserted in design more effectively with the Arts and Crafts movement, responsible for bringing a revaluation of manual work, making way for Bauhaus, which had in its student body important women potters. With the idea of bringing more emphasis to women potters, some contemporary names are presented, reassuring the feminine presence in the Brazilian pottery field. Regarding the scientific method, this study is defined as applied research, with an exploratory purpose, with data collection done through bibliographical research based on books, articles and material on the subject available on websites as well.

Keywords: Feminine; Pottery; Bauhaus; Design.

---

[1] Estudante do Curso de *Design* da Universidade do Vale do Taquari - Univates.
bruna.innawitz@universo.univates.br
[2] Orientadora do trabalho. Graduada em Artes Visuais pela UFSM e Mestre em *Design* pela UniRitter.
raquel.souza@univates.br

1 INTRODUÇÃO

Do grego “terra queimada”, os objetos cerâmicos estão entre os materiais mais antigos já encontrados pelo homem, sem saber sua idade ao certo, eles são fonte de vários estudos arqueológicos, afinal, por serem tão antigos e resistentes, deixam seus vestígios por onde passam. Há milhares de anos, seja transportando e armazenando alimentos ou na construção de casas, como demonstrado em mitos que percorrem as Américas e fragmentos espalhados pelo mundo, a figura feminina sempre se encontra presente, seja como criadora ou como musa inspiradora.

Uma civilização muito conhecida também pela produção cerâmica, foram os gregos, responsáveis pela criação de peças grandiosas e muito características por suas ilustrações que retratam diferentes cenas do cotidiano com uma vasta quantidade de detalhes. Pesquisas atuais acerca do assunto afirmam que o mercado de Atenas foi marcado pela presença feminina, seja como compradoras, seja como comerciantes (DIAS; SEGER, 2017), ressaltando que no período os comerciantes muitas vezes vendiam suas próprias peças. Outras grandes civilizações, como a chinesa e a egípcia, também deixaram seu legado no que se refere à produção de peças cerâmicas

No Brasil, a argila, matéria-prima da cerâmica, é encontrada em grandes quantidades, e foi no Pará, na ilha de Marajó, onde foram descobertos os primeiros vestígios de civilizações que usavam a argila para confeccionar objetos cerâmicos no país, os quais denominam-se cerâmica marajoara (entre os séculos 400 e 1400). De utilitários a tangas femininas, a cerâmica se faz presente também em forma de história, em que, por meio de seus fragmentos, tornou-se capaz de contextualizar todo um período da nossa história.

Na Europa, com o advento da Revolução Industrial, o setor cerâmico se desenvolveu bastante, e foi responsável por mudar os conceitos de produção cerâmica, aderindo a produção em massa, passando a ter o auxílio de equipamentos e novas técnicas apresentadas pela indústria. Isso fez com que algumas áreas da cerâmica se sobressaíssem, como é o caso do revestimento cerâmico, que se tornou mais acessível.

Foi no início do século 20, com a criação da Escola de Arte Bauhaus, fundada por Walter Gropius, que a cerâmica entra de fato para o mundo do *design*. Responsável por unir as artes manuais à indústria, a Bauhaus teve nomes femininos

importantes, responsáveis pela ascensão de diversas áreas, inclusive a cerâmica. Apesar de trabalhos manuais terem passado por um longo período de desvalorização, sendo considerados apenas um passatempo e algo sem valor agregado, nos últimos anos, houve uma revalorização desse setor, muito disso em decorrência da pandemia de Covid-19 (Z MAGAZINE, 2021), sendo o artesanato responsável por amenizar os sintomas de estresse e ansiedade (ARTE BAZAR, 2023). Além disso, a cerâmica está presente em uma vasta gama de setores, passando pela construção civil, utilitários, decoração e ornamentos, tecnologia de ponta e cosméticos, sendo responsável por 1% do valor bruto da produção industrial - VBPI (2011) brasileiro.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral refletir sobre a relação entre o feminino e o fazer cerâmico, e como isso foi inserido no meio do *design* através do tempo, tanto para os trabalhos manuais, quanto para as mulheres. Para atingir esse objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos: conhecer a relação entre o feminino e a cerâmica; entender sobre a desvalorização dos trabalhos manuais e sobre a matéria-prima da qual se origina a cerâmica; estudar a história das mulheres que faziam cerâmica na Bauhaus; entender as diferenças entre o trabalho cerâmico realizado na indústria e o trabalho cerâmico manual.

Esta pesquisa se justifica através da importância da cerâmica para o desenvolvimento humano até os dias atuais, favorecendo processos e ampliando as possibilidades de criação, além de ser um setor importante para as atividades do *designer*, seja em nível industrial ou artesanal. A pesquisa também se justifica em função da dificuldade de encontrar nomes de mulheres que trabalham ou desenvolvem seus trabalhos em cerâmica. Dessa forma, pretende-se contribuir para a divulgação dos nomes e trabalhos de ceramistas/*designers* que atualmente desenvolvem seus projetos no Brasil.

Em relação à metodologia científica, esta pesquisa define-se como sendo de natureza aplicada, pois tem como finalidade aprofundar o conhecimento sobre determinados temas, neste caso, sobre a relação entre o feminino, a cerâmica e o *design*. O método científico se caracteriza como dialético, uma vez que os fatos sociais não podem ser entendidos fora de um contexto social. Já o objetivo de estudo se define como trabalho com propósito exploratório, ou seja, a partir dele é

possível levantar informações e se aproximar o máximo possível de sua problemática. O procedimento adotado para o levantamento de dados é a abordagem qualitativa, que consiste na compreensão do tema a partir dos dados coletados (GIL, 2022).

Este estudo está estruturado em cinco seções, a primeira corresponde à introdução, objetivos, justificativa e metodologia. A segunda aborda a relação da mulher com a cerâmica a partir dos pensamentos de Almeida (2010), dos mitos de Strauss (1985), dos estudos de Dias e Seger (2017) acerca da cerâmica grega, da produção de cerâmica marajoara, de seus utilitários a suas tangas, com o auxílio do artigo de Schaan (2003), da desvalorização dos trabalhos manuais segundo as informações de Briselier (2021), Silva (2014), Romero e Baliscei (2022). Ainda, apresenta um breve entendimento sobre a matéria-prima responsável pela produção cerâmica segundo CPRM (2014), Motta (2014) e Araneda (2015). A terceira seção é responsável por contextualizar o período histórico em que a Bauhaus se fez presente através das opiniões de Forty (2007), Bürdek (2010), Carvalho (2017) e Cardoso (2008); além de apresentar as mulheres da cerâmica na Bauhaus com os pensamentos de Ben Uri Gallery And Museum (2023), The New York Times (2009), Jenni Sorkin (2016) e The Marks Project (2019). A quarta seção demonstra duas possibilidades do trabalho com cerâmica, o industrial e o manual, trazendo exemplos de indústrias e de mulheres que trabalham com cerâmica de forma manual. A quinta seção se refere às considerações finais deste trabalho acadêmico.

2 O FEMININO E A CERÂMICA

O surgimento da cerâmica é difícil de ser definido. Para Pileggi (1958, p. 5), “os arqueólogos admitem que a cerâmica nasceu quando o primeiro ser humano despertou sobre a terra.” . Entretanto, estudos apontam que ela passou a ser utilizada pelo homem com o surgimento do fogo, há aproximadamente 7 mil anos, a partir da percepção de que a argila se tornava sólida quando aquecida. Desde então ela vem sendo usada em diversas áreas e de variadas formas com o intuito de facilitar a vida humana.

De acordo com a repórter do BBC News Brasil Pallab Ghosh, no ano de 2012 a Revista Science divulgou a descoberta do objeto cerâmico mais antigo já

encontrado até então (FIGURA 1), com cerca de 20 mil anos. Ele foi localizado na caverna de Xianrendong, na província de Jiangxi, na China. Há motivos que levam os arqueólogos a acreditarem que o fragmento tenha sido parte de um caldeirão para preparar alimentos, já que, segundo informações divulgadas pelo chefe de pesquisa Ofer Bar-Yosef para a revista, essa prática permitia um melhor aproveitamento de nutrientes, sendo um recipiente para as práticas cotidianas e servindo de meio para alimentar o corpo e a alma.

Figura 1 - Fragmento de cerâmica encontrado no sul da China

Fonte: BBC News Brasil (2023, acesso digital).

Apesar de possuir muitas vezes uma finalidade mais prática, para alguns povos, os objetos cerâmicos cumpriam além desse papel, isso porque inúmeras tribos faziam o uso desses artefatos na realização de rituais e demais cerimônias.

Almeida, em seu livro “Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes” (2010), cita alguns pensamentos importantes de Lévi-Strauss no livro “A oleira ciumenta” (1985) acerca da cerâmica. Segundo o autor, eram poucas as tribos em que a cerâmica era feita por homens, com base nisso, ele descreve o mito dos Hidatsa, índios do alto do Missouri, que retrata o direito concedido às mulheres pelas Serpentes, que até então eram as únicas com poder de realizar tal tarefa. A partir disso, o processo passou a ser considerado sagrado e ligado ao universo feminino, em que as mulheres herdavam o direito de realizar a prática cerâmica por intermédio de suas ancestrais.

Os Jivaros, tribo localizada entre Equador e Peru, também possuíam um mito sobre a ligação entre a mulher e a terra, relacionado com a criação do mundo.

> [...] A abóbada celeste é uma grande tigela azul de cerâmica. Foi com barro que o Criador fez Nantu, a Lua, que irá se casar com Sol, e é com argila que ela modela um filho, em seguida destruído pelo Engolevento." Esse filho recebe o nome de Nuhi (cf. nui, "argila") e após sua morte, seu corpo transformou-se na terra em que hoje vivemos. O autor continua a descrição deste mesmo mito, afirmando que Sol e Lua tiveram como descendentes o Preguiça, o Boto, o Caititu e a Mandioca, uma filha e depois disso ficaram estéreis. A mãe de ambos lhes entregou dois ovos: um se perdeu e do outro nasceu Mika, uma menina. Mais tarde Mika se casaria com Unushi, seu irmão Preguiça (LÉVI-STRAUSS. 1985 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 28).

E assim como os Jivaros, outras tribos também compartilhavam o mesmo pensamento sobre a relação do feminino com a cerâmica, justificando as suas crenças através de mitos e lendas. Ainda, comparavam a transformação sofrida por um corpo feminino ao longo de seus ciclos com as mudanças e fases de um processo cerâmico.

Para além do preparo da cerâmica, a etapa de colheita da matéria-prima acabava sendo um ritual e função feminina para tribos como os Yuracaré, que eram localizados no sul dos Andes. Segundo Lévis-Strauss (1985) *apud* Almeida (2010), as mulheres dessa tribo se isolavam em determinado período do ano para produzirem as peças, tomando extremo cuidado durante o processo de queima, já que acreditavam que qualquer ruído teria o potencial de estragar as peças. Dessa forma, compreende-se que mitos relacionando a mulher e a cerâmica a um ato sagrado e ritualístico se repetem em diversos povos, como a tribo Tacana, na Bolívia, e os Tainimuka, na Colômbia (ALMEIDA, 2010).

A cerâmica na Grécia (FIGURA 2), assim como em outras regiões, fez parte de um processo de assentamento, em que as civilizações romperam com a vida nômade, passando a se fixar em determinados locais e, por consequência, aumentando e aprimorando ainda mais a produção cerâmica. Algo que se acreditou por muito tempo seria o não pertencimento das mulheres na cerâmica, pelo fato de serem donas de casa ou por não possuírem dinheiro para consumir as mercadorias, porém, pesquisas mais recentes sobre o assunto afirmam que o mercado de Atenas

foi marcado pela presença feminina, tanto como consumidoras, quanto como comerciantes (CERQUEIRA, 2008; BROCK, 1994 *apud* DIAS; SEGER, 2017), comprovando-se através de encomendas feitas por mulheres ou dedicadas a elas (RIDGWAY, 1987 *apud* DIAS; SEGER, 2017).

> [...] Todavia, o consumo e o uso da cerâmica pelas mulheres possuem evidências concretas às quais podemos recorrer. No próprio material, elas são retratadas utilizando vasos em sacrifícios, casamentos, oferendas em túmulos, no comércio, na tecelagem, durante a sua toalete e, inclusive, trabalhando em sua confecção (DIAS; SEGER, 2017, p.144).

Figura 2 - Cratera Grega, vasos usados para misturar água e vinho

Fonte: haac1 (2023, acesso digital).

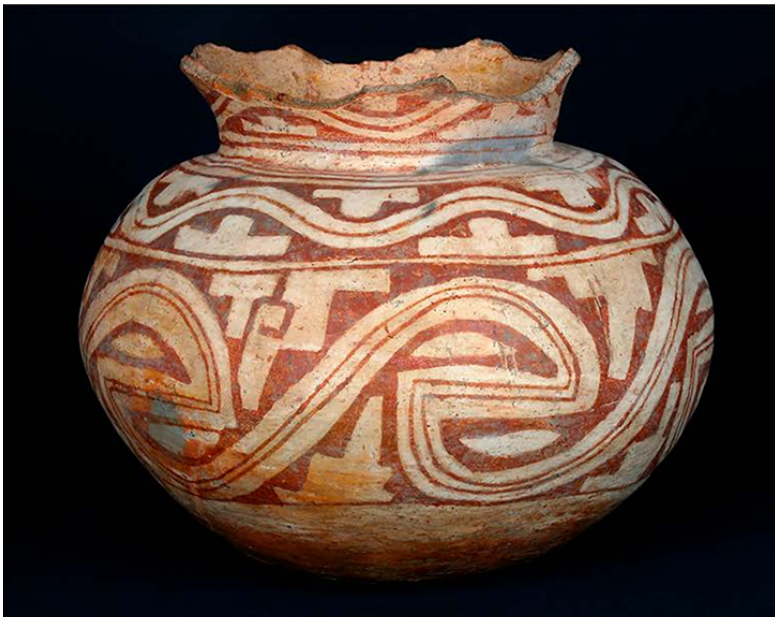
Ainda segundo Dias e Seger (2017), as informações acerca do feminino são proveniente das atenienses, sendo assim, as mulheres que eram retratadas nos objetos cerâmicos da época se referiam a elas. Esses motivos as encaixavam em diferentes cenários, como o trabalho doméstico, trabalho em espaços públicos, cerimônias religiosas e alguns rituais, porém, nem todas as fases da vida de uma

mulher eram traduzidas, sendo raramente representadas como jovens, grávidas, avós ou viúvas (LEWIS, 2002 *apud* DIAS; SEGER, 2017).

Ao final do artigo, Seges e Dias (2017) pontuam que as informações sobre a Grécia Antiga são baseadas apenas em registros masculinos acerca do assunto, o que desfavorece, por sua vez, a visão e o reconhecimento do feminino naquele período. No entanto, a mulher esteve de fato presente nesse cenário, possuindo tanta importância quanto a masculina, a eternização do feminino na cerâmica representa o seu reconhecimento durante o período, o que vai contra a ideia masculina de que as mulheres gregas seriam inferiores e marginalizadas (DIAS; SEGER, 2017).

No Brasil, a cerâmica teve suas primeiras aparições na Região Norte, no estado do Pará, na ilha de Marajó. Produzida por povos originários muito habilidosos que moravam na ilha, a cerâmica marajoara (FIGURA 3) passou a ser conhecida por suas características únicas como seus grafismos, sua harmonia e delicadeza, podendo ser o estilo de arte mais antigo das Américas, já que foi produzido por volta dos séculos 400 e 1400. Tal fato é considerado um capítulo à parte na história da cerâmica no Brasil, sendo possível observar todo o desenvolvimento e evolução de um povo (SANTIAGO, 2023).

Figura 3 - Vasilha marajoara, que faz parte do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo



Fonte: Scielo (2023, acesso digital).

O trabalho era tão bem produzido que ficou conhecido como “a fase marajoara”, devido ao cuidado e dedicação na fabricação dos utensílios, demonstrando um grande conhecimento na área, que pode ser observado através de suas técnicas, coloração e ilustração das peças. Sendo assim, são responsáveis pela criação de objetos elegantes, sofisticados, decorativos e funcionais.

Outra parte importante eram os grafismos encontrados em boa parte dos objetos cerâmicos marajoaras, os quais se tornaram tão característicos. Arqueólogos acreditam que os grafismos eram uma forma de comunicação, que expressam crenças e mitos de um povo demarcando até mesmo os status sociais.

> [...] Aplicando princípios estruturalistas à análise dos grafismos, propusemos que os desenhos geométricos representavam personagens animais e humanos, através dos quais significados simbólicos eram atribuídos aos objetos (SCHAAN, 2003, p. 38).

Diversos estudos arqueológicos já foram realizados acerca da cerâmica marajoara, e segundo Schaan (2003), arqueóloga brasileira especialista em cerâmica marajoara, em seu artigo “A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara”, há indícios de que as mulheres eram responsáveis pela produção cerâmica da época. Aparentemente, era realizada uma divisão de tarefas, que era necessária pelo fato de que a produção cerâmica e a pesca acabavam se favorecendo com o fim do período das chuvas, dessa forma, os homens se dedicavam à pesca e as mulheres à cerâmica.

A mesma autora (2003) argumenta que o fato de terem sido encontrados objetos cerâmicos junto a enterramentos femininos corrobora com o entendimento de uma representação do aspecto de gênero nessa divisão, até porque, nesse período, a produção cerâmica acabava sendo inserida em um contexto doméstico que era responsabilidade das mulheres.

Outro ponto curioso sobre as cerâmicas marajoaras seria a produção de tangas femininas por meio da cerâmica, esses objetos foram encontrados por arqueólogos, principalmente, junto a urnas funerárias de mulheres. Elas continham desenhos e representações geométricas fazendo referência ao feminino, além de pequenos furos em suas extremidades que sugerem a passagem de cordões que manteriam as peças juntas ao corpo.

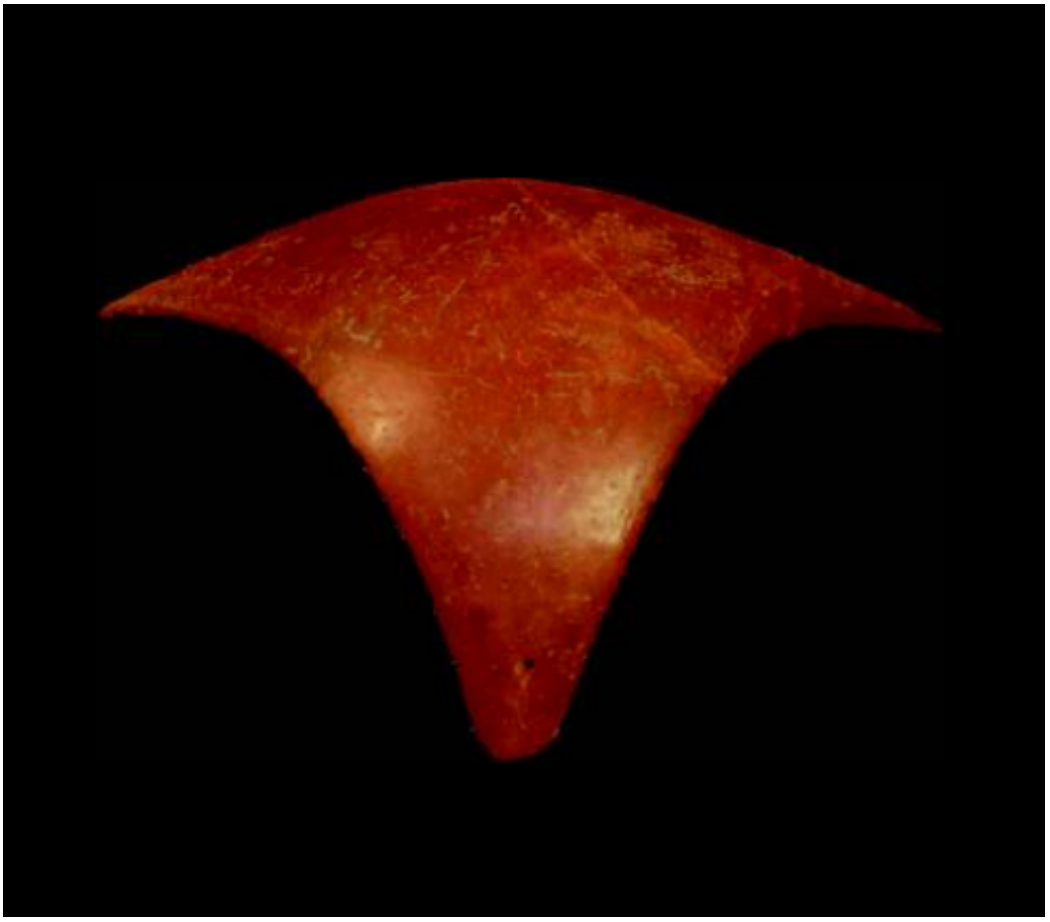
As tangas possuíam um formato triangular e côncavas, conforme Schaan (2003) aponta em seu artigo, essas tangas seriam de dois tipos distintos, decoradas e não decoradas. As decoradas (FIGURA 4) possuíam formas geométricas pintadas em vermelho, sobre uma superfície que recebeu um engobo[3] branco, e as não decoradas (FIGURA 5) receberam um engobo vermelho e foram polidas, o que acabava dando bastante destaque à peça. Além disso, as peças possuiam tamanhos diferentes, sugerindo que cada uma era moldada para sua respectiva usuária.

Figura 4 - Tangas de cerâmica marajoara decoradas

Fonte: Museu Nacional (2023, acesso digital).

[3] Conforme o Dicionário Online de Português (2023, texto digital), engobo significa “Camada terrosa com que se disfarça a cor natural do barro, ou que serve de base para o vidrado ou esmalte, numa peça de cerâmica”.

Figura 5 - Tangas de cerâmica marajoara não decoradas



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi I (2023, acesso digital).

Ainda, há um terceiro tipo de tanga, encontrado, exclusivamente, em enterramentos, essas tangas possuem uma cor clara, bege ou alaranjada e são polidas, mas sem nenhum tipo de decoração. Como fragmentos desse tipo foram pouco encontrados, os arqueólogos deduzem que estão relacionados a uma determinada classe de mulheres, possivelmente, à elite, já que, diferente do que se poderia imaginar, as tangas mais simples pertenciam às mulheres com status social mais elevado, segundo apontamentos de Schaan (2003).

No artigo “Por uma história moldada na argila: O uso de oficina de cerâmica para conhecer diferentes culturas”, de Denise Verbes Schmitt e Adriano Sequiera Avello (2013), é citado que a produção cerâmica seria um tarefa feminina para os povos Guaranis, porém, seria função do homem trazer a argila para perto das casas, facilitando um pouco o trabalho das mulheres que se encarregam de tirar o ar da argila, o que proporcionava peças mais duráveis, e a partir daí desenvolverem os mais variados produtos. Essa confecção era feita, geralmente, por mulheres adultas

e casadas, que passavam para as moças mais jovens todo o conhecimento acerca da cerâmica.

2.1 Desvalorização das artes manuais

Alguns autores apontam que a desvalorização dos trabalhos manuais estava fortemente relacionada às mulheres, isso porque, durante a Idade Média, houve uma retirada das mulheres do sistema econômico, mantendo-as em casa com suas funções femininas que eram cuidar do lar, dos filhos e do marido, somente no tempo vago elas produziam artesanatos. Posteriormente, com o sistema capitalista, as mulheres são inseridas no mercado de trabalho com condições insalubres, uma vez que não havia espaço para elas, os ambientes de trabalho não comportavam o novo sistema de produção, dessa forma,com o intuito de camuflar esse problema, as mulheres são colocadas novamente na sua função de reprodutoras, o que trouxe como consequência novos trabalhadores. Nesse momento, já havia iniciado um ciclo de desvalorização do feminino, em que suas tarefas eram menosprezadas e sem remuneração (ARAÚJO, 2023).

No Renascimento, a produção artística individual passou a ser mais valorizada e difundida do que os trabalhos realizados de forma coletiva. Entretanto, foi após a publicação do livro “A vida dos artistas”, de Giorgio Vasari, publicado em 1550, que passou a haver uma separação entre arte e artesanato, considerando a arte algo superior ao artesanato, que passou a ser inferiorizado. Com a Revolução Industrial e a chegada das máquinas, os trabalhos manuais perderam ainda mais força devido à separação e mecanização das funções (BRISELIER, 2021).

Dessa forma, observa-se que a desvalorização dos trabalhos manuais estava fortemente relacionada às mulheres, que apesar da luta pelos seus direitos, acabavam sendo limitadas aos espaços domésticos, onde desenvolviam seus trabalhos artesanais e por ventura os vendiam para ajudar a completar a renda, o que fez do artesanato um recurso para a emancipação feminina. Tarefa que por muito tempo era incentivada pela igreja e estava presente nas escolas, com aulas que ensinavam as meninas a serem mais femininas e aprenderem suas funções desde cedo (SILVA, 2014), mas sempre sendo tratada como uma tarefa doméstica ou uma forma de ocupar o tempo, menosprezando ainda mais o trabalho.

Sendo assim, percebe-se que o trabalho formal era valorizado e exercido por homens e o dito como informal não possuía valor e era executado por mulheres. Além de os homens possuírem mais relevância quanto a suas opiniões e saberes, eles acabavam ditando o que era importante ou não, contribuindo para que trabalhos artesanais desenvolvidos por mulheres fossem considerados apenas um *hobby* e/ou algo sem valor (BRISELIER, 2021). Esse descaso com o trabalho artístico feminino fez com que nomes de mulheres artistas e artesãs fossem pouco citados na História da Arte, e quando apareciam era por terem algum tipo de relacionamento com homens influentes no período (ROMERO; BALISCEI, 2022).

Dessa forma, entende-se que, assim como os trabalhos manuais eram atribuídos às mulheres, a produção cerâmica também teria passado por esse período de descrédito.

2.2.1 A matéria-prima

Antes de se pensar na cerâmica propriamente dita, deve-se lembrar que ela é o resultado final de um processo, ou seja, antes de ser um objeto como um artefato ou um utilitário, ela foi a argila. A argila nada mais é do que barro, um mineral normalmente encontrado na margem dos rios ou formado da decomposição de rochas, cujas características dependem da sua formação geológica. Devido às suas propriedades, possui, também, uso cosmético e medicinal, sendo aplicada, ainda, em diversas áreas como cerâmica e tecnologia (CPRM, 2014).

Existem argilas dos mais variados tipo, que possuem as mais diversas funções, entre elas as argilas de queima avermelhada muito presente nas cerâmicas de revestimento, vasos, potes e decoração, e as argilas cauliníticas de queima clara, presente nas cerâmicas sanitárias, porcelana, faiança utilitária e artística (MOTTA *et al.*, 2004).

Araneda (2015), em seu artigo “Tipos de cerâmica”, denomina as argila das seguintes formas: argila natural, argila refratária, argila da china ou caulim, argila de bola, argila para grês, argila vermelha, argila bentonite e argila expandida. Sendo que cada uma delas possui características que influenciam o tipo de produto e a sua utilidade.

Ainda segundo Araneda (2015), a argila natural é extraída limpa e pode ser utilizada dessa forma sem a necessidade de adicionar outras substâncias em sua composição. A argila refratária possui alta resistência ao calor, suas características podem variar, umas são muito plásticas e finas, outras não, ela é utilizada nas massas cerâmicas dando mais elasticidade e maior resistência ao calor, além disso, está presente em placas refratárias que atuam como isolamento e revestimento dos fornos. A argila caulim possui a cor branca e é utilizada na fabricação de massas para porcelana, pouco plástica e impossível de trabalhá-la manualmente, apenas com moldes. A argila de bola ou *ball-clay* é muito plástica, de cor azulada ou preta, com alto grau de contração após a queima, ela é normalmente adicionada a massas cerâmicas, pois proporciona maior plasticidade ao material. A argila para grês possui grão fino, plástica e suporta altas temperaturas, após a queima, sua cor pode variar entre o vermelho escuro, o rosado, cinza claro ou escuro. As argilas vermelhas possuem alto teor de ferro e plasticidade, podem ser utilizadas como vidrados para grês e possuem uma coloração avermelhada escura. A bentonite é uma argila vulcânica muito plástica que se origina das cinzas vulcânicas, possui aparência e tato gorduroso e é adicionada à cerâmica para aumentar a plasticidade. Por fim, as argilas expandidas são produzidas através do uso de argilas especiais que se expandem em altas temperaturas, transformando em um produto leve e resistente.

Essas argila podem produzir um vasta gama de produtos, um muito utilizado diariamente no setor de construção civil é a telha de barro, que tem seus primeiros indícios de uso no Brasil por volta de 1575, no lugar em que hoje é conhecido como São Paulo, a partir desse estímulo começa o desenvolvimento de uma atividade que seria o início da indústria na região (ANICER, 2023). Essa primeira indústria foi encabeçada por três irmãos franceses, fundada em 1893 com o nome de “Estabelecimento cerâmico Saccoman-Frères”, passou a ganhar notoriedade entre os consumidores da região, apesar de produzirem tijolos também, a especialidade eram as telhas terracota (FIGURA 6), o que os tornou responsáveis pelo desenvolvimento das telhas hoje conhecidas como francesas, e tendo seus produtos escolhidos para compor a obra da estação da luz em 1901 (SÃO PAULO IN FOCO, 2017).

Figura 6 - Telha da primeira indústria cerâmica do Brasil

Fonte: São Paulo in Foco (2023, acesso digital).

Segundo dados do Sebrae (2015), no Brasil, 1% do VBPI/2011 (valor bruto da produção industrial) é representado pela indústria cerâmica. No Brasil, existem duas grandes reservas de argila, uma delas está localizada na Bahia, no município de Ibiassucê, e a outra, no estado de São Paulo. Ambas são mais utilizadas na área da construção civil, ou seja, usadas na fabricação de blocos, telhas e lajotas (CPRM, 2014).

3 AS MULHERES DA CERÂMICA NA BAUHAUS

Por volta de 1840, com a Revolução industrial, os rumos da cerâmica foram afetados, resultado de um crescimento acelerado do setor na Europa através da produção em massa e com o uso de novas tecnologias, técnicas de gestão e controle de matéria-prima. Porém, junto a esse período, iniciou-se um momento de forte desvalorização de trabalhos manuais, submetendo os artesãos a péssimas condições de trabalho e baixa remuneração (ARAÚJO, 2023), isso porque a partir desse momento as máquinas passaram a realizar tarefas antes destinadas aos artesãos e essa mecanização passou a dividir as etapas do desenvolvimento de um produto, ou seja, cada pessoa era responsável por uma parte desse processo de produção e, além disso, contava com horas de trabalho exaustivas (FORTY, 2007).

Apesar de muitos trabalhadores serem de fato artesãos, seu ritmo de trabalho não poderia competir com a produção de larga escala das fábricas. Nesse momento, William Morris, *designer* que fundou o movimento *Arts and Crafts,* que se reconhece como reformador e renovador, com a interrupção da separação do trabalho, volta-se contra a estética das máquinas, ou seja, valorizava o trabalho artesanal em uma sociedade inglesa Pós-Revolução Industrial, o movimento representou a primeira oposição contra o mito do progresso da industrialização (BÜRDEK, 2010).

De acordo com Cavallo (2017), em seu simpósio de pós-graduação em *design* da ESDI sobre a "Aproximação entre arte, *design* e artesanato nas experiências do *Arts & Crafts* e do modernismo brasileiro", Morris se formou em estudos clássicos da literatura e era fortemente influenciado pelo medievalismo, buscou uma reaproximação com as artes tradicionais, em especial, com a cerâmica e a têxtil, e com seus métodos tradicionais de produção. Pertencia a um grupo de estudantes que tomava o idealismo como ideologia, nesse grupo estava presente John Ruskin, um escritor e crítico social defensor do Romantismo e do medievalismo, que teve seus ideais como norteadores para que Morris criasse o *Arts and Crafts*.

> Os escritos de Ruskin e Morris influenciaram uma ampla variedade de designers artesãos nos anos 1890. O ideal de Morris de um artesã o projetando e produzindo um objeto, do material cru ao produto final fora obtido mais prontamente na cerâmica na medida em que a ideia da beleza da imperfeição de Ruskin podia ser materializada na olaria mais facilmente que em qualquer outro meio (CUMMING; KAPLAN, 1991, p. 73 *apud* CAVALLO, 2017).

O movimento se colocava em oposição à produção em larga escala, dando mais valor ao trabalho artesanal, essa produção era espalhada por toda a Grã-Bretanha em associações oriundas das *guilds* ou junto a alunos e professores inspirados pelos ideais do *Arts and Crafts*, que era considerado um momento importante também por agregar às peças um valor simbólico com simplicidade e beleza, trazendo aos objetos não apenas um valor financeiro, criando, assim, um código de ética para o *design* (CAVALLO, 2017). Morris foi o primeiro *designer* a apostar que o consumidor pagaria mais para ter produtos de melhor qualidade,

porém, infelizmente essa ideia acabou perdendo força com a expansão da produção em massa do século XX (CARDOSO, 2008).

Apesar disso, o *Arts and Crafts* abriu espaço e serviu de inspiração para o que ficou conhecido como Escola de Arte Bauhaus, fundada na Alemanha por Walter Gropius, no ano de 1919. Em uma sociedade machista, em queas mulheres não possuíam muita voz e muito menos direitos ou liberdade em relação à educação, a Bauhaus era de certa forma inovadora, já que cerca de 50% de seus alunos eram do sexo feminino. No entanto, as regalias voltadas para o público feminino paravam por aí, já que, infelizmente, as mulheres não eram aceitas em uma série de oficinas, como marcenaria e serralheria, sendo encaminhadas para tecelagem ou cerâmica, que eram temas considerados mais femininos (SEMENTE, 2020).

Nesse contexto, foram poucos os nomes femininos que tiveram verdadeiro destaque na escola, em especial, na cerâmica (que também era vista como arte menor por alguns professores), em que artistas como Margarete Heymann-Marks e Marguerite Wildenhain desenvolveram seus projetos.

Margarete Heymann-Marks (FIGURA 7) foi uma ceramista e pintora de origem judaica, que nasceu na Alemanha em 1899. Estudou pintura no *College of Applied Arts*, na cidade em que nasceu, e posteriormente foi para a *Academy of Fine Arts*, em Düsseldorf, sendo aceita na Bauhaus no ano de 1921 (BEN URI GALLERY AND MUSEUM, 2023), onde, desde o início, ela se recusou a seguir suas colegas que escolheram tecelagem, convencendo Gropius, fundador da Bauhaus, a abrir um lugar para ela na equipe de cerâmica (CASA COR, 2021). Heymann-Marks acabou ficando pouco tempo na escola, mas foi o suficiente para deixar impactos positivos e duradouros por lá, permitindo que ela unisse as vertentes do modernismo com a sua paixão por formas geométricas e cores.

Figura 7 - Fotografia de Margarete Heymann-Marks

Fonte: Google arts & culture (2023, acesso digital).

Em 1923, ela fundou, junto ao seu marido, a *Haël Workshops* para cerâmica artística em Marwitz, na Alemanha. Esse projeto fez com que ela tivesse o trabalho conhecido pela América e Reino Unido, responsável por levar o modernismo da Bauhaus para a esfera doméstica britânica. Porém, no ano de 1934, infelizmente, ela foi obrigada por nazistas a vender a fábrica, que já possuía mais de 100 empregados, e teve suas obras rotuladas como “degeneradas”.

A partir disso, ela passou por alguns países tentando realocar sua fábrica, mas sem sucesso, o que fez com que acabasse se estabelecendo em Londres, onde se tornou professora na *Burslem School of Art*, trabalhou também para empresas relevantes, contudo não conseguiu recuperar seu sucesso comercial anterior, pelo fato de o público britânico ser mais conservador (BEN URI GALLERY AND MUSEUM, 2023). Sendo assim, mesmo dona de um trabalho excepcional (FIGURA 8),Heymann-Marks foi isolada do grupo de poderosos da Bauhaus. Além disso, a decisão de ir para Inglaterra a afastou ainda mais desse meio, o que infelizmente fez com que ela fosse muitas vezes esquecida pelos historiadores do *design*, ainda mais pela desvalorização da cerâmica em relação às outras artes. Isso

mostra que o talento e determinação de Heymann-Marks não foram o suficiente para que ela pudesse de fato ascender junto a tão conhecida Escola de Artes (THE NEW YORK TIMES, 2009). De qualquer forma, ela teve seu trabalho exposto por algumas galerias em Londres, como *Bloomsbury Gallery* e *New Burlington Galleries*, o que fez até o fim de sua vida, além de dar palestras por todo país (BEN URI GALLERY AND MUSEUM, 2023).

Figura 8 - Objetos cerâmicos produzidos por Margarete Heymann-Marks

Fonte: Da autora (2023) adaptado de Jüdischer Museum Berlim (2023, acesso digital), Arts Mia (2023, acesso digital), Artsy (2023, acesso digital), MoMA (2023, acesso digital) e Mia (2023, acesso digital).

Já a ceramista Marguerite Wildenhain (FIGURA 9) nasceu na França em 1896. Ela se formou como mestre ceramista na Bauhaus após sete anos de estudo, sendo a primeira mulher a ganhar a certificação de *Master Potter* na Alemanha (SORKIN, 2016). Wildenhain fez projetos para a *Royal Berlin Porcelain Factory*, onde alguns deles permaneceram em produção por mais de 75 anos. Além disso, ela lecionou na *Municipal School for Arts and Crafts*, em Halle, na Alemanha. Na Holanda, em 1933, ela e o marido fundaram seu primeiro ateliê de cerâmica, no entanto, em 1940, eles acabaram se mudando para os Estados Unidos, fugindo do regime nazista. Nos EUA, ela foi morar na Califórnia, em Pond Farm, que foi, por um curto período de tempo, uma escola de artes baseada no modelo Bauhaus. Apesar de a escola não ter dado certo, a ceramista mantinha algumas turmas durante o

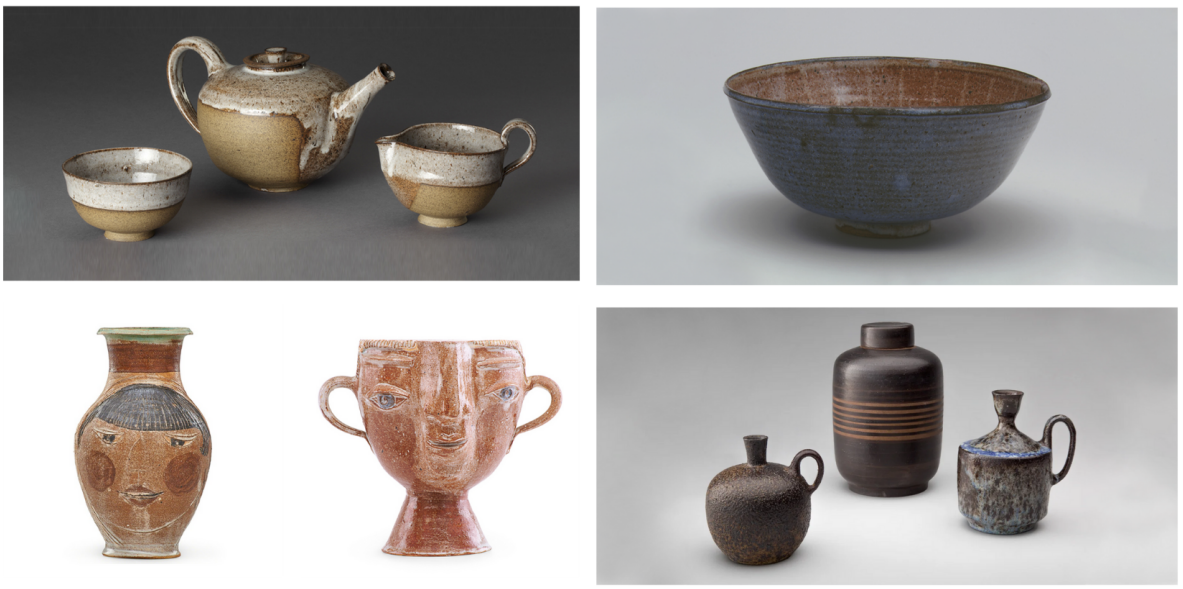
verão, nas quais ensinava e encorajava seus alunos a serem disciplinados e éticos. Wildenhain também acreditava que não havia distinção entre o artesanato e a arte, e por esse motivo ela dizia a seus alunos que eles poderiam ser livres para seguirem seus caminhos na cerâmica, seja como ceramistas, seja como professores. Ao final da carreira, Wildenhain fez esculturas de cerâmica influenciada por seus ensinamentos em marcenaria e escultura (THE MARKS PROJECT, 2019).

Figura 9 - Fotografia de Marguerite Wildenhain

Fonte: The Press Democrat (2023, acesso digital).

Wildenhain possuía um trabalho encantador e cheio de personalidade (FIGURA 10), ela escreveu livros, lecionou, trabalhou com grandes marcas, porém, mesmo assim encontrar informações sobre o seu trabalho é extremamente difícil, porque mais uma vez são histórias contadas por homens, e nelas dificilmente uma mulher aparece como protagonista.

Figura 10 - Objetos cerâmicos produzidos por Marguerite Wildenhain



Fonte: Da autora (2023) adaptado de The Marks Projects (2019, acesso digital), MoMA (2023, acesso digital), Artsy (2023, acesso digital), SFO Museum Artsy (2023, acesso digital).

4 INDÚSTRIA BRASILEIRA X TRABALHO MANUAL

Quando se fala em cerâmica no meio do *design*, os profissionais da área podem optar por trabalhar no setor industrial produzindo peças em larga escala ou de forma autônoma e manual desenvolvendo trabalhos autorais. No Brasil, se o/a *designer* optar em trabalhar na indústria, a Oxford pode ser uma boa escolha.

A Oxford é uma indústria de cerâmica brasileira, que existe desde de o séc. XX. Com o passar dos anos, a empresa trocou de dono e até mesmo fundou sua própria mineradora, que fornecia argila para uso próprio e para outros segmentos. A empresa foi crescendo e em 1976 foi o ano que marcou o início das exportações para o exterior, que desde então só crescem. Sendo, atualmente, uma das maiores empresas do ramo no Brasil, contando com uma grande variedade de produtos cerâmicos (OXFORD PORCELANAS, 2023).

Dos anos de 2015 a 2020, a Oxford organizou um concurso chamado “Prêmio Oxford de *design*”, que tinha como objetivo desenvolver novas linhas de produtos com *designers* e criadores do mercado atual, com uma premiação em dinheiro e tendo a linha de peças vencedora sendo produzida pela marca. Em suas 6 edições, três dos vencedores foram mulheres, evidenciando esse vínculo feminino

com a cerâmica até os dias atuais. O concurso contou no seu último ano com mais de três mil artes enviadas, o que ressalta a relevância que esse tipo de produção ainda possui (PRÊMIO OXFORD DE DESIGN, 2020).

Nos últimos anos, houve uma revalorização de produções manuais e, com isso, o crescimento de artistas que realizam trabalhos manuais na área da cerâmica. Como o Brasil é um país rico em matéria-prima, é repleto de *designers* e artistas que vem conquistando espaço nesse meio, que por muito tempo foi tão desvalorizado e estigmatizado. Ceramistas como Luiza Marcal, Marô Antunes, Pâmela Moraes e Gabriela Fensterseifer são alguns exemplos.

A *designer* Luiza Marcal é o nome por trás da “Curiosa”, marca de cerâmica paulista que tem como peça inicial um abajur cheio de criatividade. Em seu *Instagram*, a ceramista conta que iniciou seu contato com o material no ano de 2022 na Escola Olive, em um curso de introdução. Após colocar suas mãos na massa, ela não parou mais, aprimorando suas técnicas de modelagem e pintura, a *designer* desenvolve um trabalho lindo, curioso e, como ela mesma comenta, inquieto (FIGURA 11).

Figura 11 - Luiza Marcal e seu trabalho com cerâmica

Fonte: Da autora (2023) adaptado do *Instagram* (2023, acesso digital).

Outra brasileira que domina a cerâmica é Marô Antunes, com sua marca de mesmo nome, ela possui peças coloridas e com muita personalidade. No *Instagram*, Antunes diz ser apaixonada pela arte e pelo desejo de criar, o que fez total diferença

quando idealizou a marca no ano de 2019. Além disso, ela ainda comenta em um de seus primeiros posts, na rede social, que a cerâmica é o seu maior desafio e sua maior conquista, além de ser a forma que ela encontrou para traduzir seu amor por cores, animais e estampas minuciosas (FIGURA 12).

Figura 12 - Marô Antunes e seu trabalho com cerâmica

Fonte: Da autora (2023) adaptado do *Instagram* (2023, acesso digital).

A paulista, ceramista, publicitária e diretora de arte Pâmela Moraes deu início a sua jornada no mundo da cerâmica no ano de 2015 com o Studio Pamelitas. Em seu *site*, ela relata ser apaixonada pela área artística desde criança e que seu trabalho é sobre o acolhimento, totalmente autoral, que perpassa o feminino, a natureza e o misticismo. Dona de uma cerâmica poética e delicada, a artista se diz grata por ter um pouco de seu trabalho espalhado em lares pelo mundo (FIGURA 13).

Figura 13 - Pâmela Moraes e seu trabalho com cerâmica

Fonte: Da autora (2023) adaptado do *Instagram* (2023, acesso digital).

Gabriela Fensterseifer finaliza esse lindo grupo de mulheres inspiradoras. A gaúcha criou sua marca de cerâmica no ano de 2023 e deu a ela o nome de Cottá. Formada em *Design* de Moda, começou no mundo da cerâmica após não se sentir mais realizada na sua área de formação. No *Instagram* da marca, ela menciona ter criado a Cottá para transmitir o amor que a cerâmica trouxe para sua vida em momentos de incerteza (FIGURA 14).

Figura 14 - Gabriela Fensterseifer e seu trabalho com cerâmica

Fonte: Da autora (2023) adaptado do *Instagram* (2023, acesso digital).

Essas são apenas algumas das pessoas incríveis e inspiradoras que, apesar de todas as circunstâncias, tiraram do papel o desejo de criar e transmitir para o mundo sua voz e seu talento em forma de arte. Que elas possam inspirar muitas outras mulheres a transformar suas vidas e a terem seus espaços conquistados, mostrando para o mundo que o trabalho manual e realizado por mulheres não é um simples *hobby*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a sua resistência, os objetos cerâmicos servem também para contar histórias e retratar momentos, são fonte de estudo e de inspiração, através deles, tornou-se possível solucionar problemas que contribuíram para o desenvolvimento das civilizações. A figura feminina se fez presente nesses momentos, seja criando ou inspirando peças, ainda, com vestígios, mitos e histórias demonstram essa presença desde os tempos mais remotos e, em muitos casos, considerando a relação da mulher e do fazer cerâmica uma atividade sagrada e herdada. Além disso, a partir das pesquisas realizadas neste trabalho, pode-se perceber que, assim como outras atividades manuais, a arte de fazer cerâmica era vista como algo sem valor, ponto que fica mais evidente com a Revolução Industrial, momento em que os trabalhos manuais apresentaram uma grande queda, pois demandavam muito tempo para serem produzidos e as máquinas poderiam fazer isso mais facilmente. Foi com a ascensão do *Arts and Crafts* e a inauguração da Bauhaus que as artes manuais passaram por uma revalorização, no entanto, por mais que existissem mulheres fazendo cerâmica, nesses períodos, elas acabam sendo pouco mencionadas pela história.

Esta pesquisa se justifica por meio da importância da cerâmica para o desenvolvimento humano, sendo relevante para o *design* em nível artesanal e industrial, e, também, em função da dificuldade de encontrar nomes femininos relacionados à cerâmica na história do *design*, fomentando, assim, mulheres ceramistas que desenvolvem atualmente seus projetos no Brasil.

Neste trabalho, objetivou-se, de forma geral, refletir sobre a relação entre o feminino e o fazer cerâmica e como isso foi inserido no meio do *design* através do tempo, tanto para os trabalhos manuais, quanto para as mulheres. Para isso, fez-se

necessário entender as relações entre o femininno e a cerâmica com o passar do tempo, conhecendo um pouco das mulheres que se destacaram na cerâmica durante a Bauhaus, além de apresentar possibilidades de atuação no setor cerâmico, como a indústria e o trabalho autónomo, mencionando, também, algumas ceramistas brasileiras da atualidade.

Com esta pesquisa, compreende-se que a cerâmica esteve presente em todo o desenvolvimento da vida humana na Terra, com estudos que afirmam a presença feminina e a sua influência nesse meio desde muito cedo. A partir de todo conhecimento adquirido, na segunda etapa do Trabalho de Conclusão de Curso, o objetivo será desenvolver um projeto de peças cerâmicas utilitárias, tendo como referência para criação as obras de Margarete Heymann-Marks e de Marguerite Wildenhain, as ceramistas que tiveram destaque na Bauhaus.

REFERÊNCIAS

10 MULHERES DA ESCOLA BAUHAUS QUE REFORMULARAM O DESIGN CONTEMPORÂNEO. In: **Casa cor.** Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/design/mulheres-da-escola-bauhaus/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

3 MOTIVOS HISTÓRICOS PELOS QUAIS O ARTESANATO É DESVALORIZADO. In: **Briselier.** Disponível em: <https://briselier.com/3-motivos-historicos-pelos-quais-o-artesanato-e-desvalorizado/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

A CERÂMICA E O DESIGN. In: **Design Culture**. Disponível em: <https://designculture.com.br/a-ceramica-e-o-design/>. Acesso em 19 de maio de 2023.

A DISTANT BAUHAUS STAR. In: **The New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/11/02/arts/02iht-design02.html>. Acesso em 30 de maio de 2023.

A HISTÓRIA DA CERÂMICA NO BRASIL. In: **Gail**. Disponível em: <https://blog.gail.com.br/a-historia-da-ceramica-no-brasil/#:~:text=As%20primeiras%20cer%C3%A2micas%20vieram%20da,Ilha%20de%20Maraj%C3%B3%2C%20no%20Par%C3%A1>. Acesso em 19 de maio de 2023.

ARAÚJO, Felipe. Desvalorização do trabalho feminino. In: **Infoescola,** [s.l.], 30 de maio. 2023. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/desvalorizacao-do-trabalho-feminino/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

A ORIGEM DA CERÂMICA. In: **Associação Brasileira de Cerâmica.** Disponível em:<https://abceram.org.br/a-origem-da-ceramica/> . Acesso em 18 de abril de 2023.

A ORIGEM FRANCESA DO SACOMÃ E SUA RELAÇÃO COM A LUZ. In: **São Paulo in Foco**. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/historia-do-sacoma/>. Acesso em 12 de maio de 2023.

A POTTER'S LIFE. In: **SFO Museum**. Disponível em: <https://www.sfomuseum.org/exhibitions/potters-life-marguerite-wildenhain-pond-farm/gallery#2>. Acesso em 28 de maio de 2023.

A SELECTION OF POTTERY BY MARGUERITE WILDENHAIN. In: **OEN.** Disponível em: <https://the189.com/design/a-selection-of-pottery-by-marguerite-wildenhain/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARANEDA, Luciano Fuchs. **Tipos de argilas para cerâmica**. Canoas, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/17535817/Tipos_de_Argilas_para_Ceramica>. Acesso em 12 de maio de 2023.

ARGILA: O QUE É E PARA QUE SERVE. In: **Ecycle**. Disponível em:<https://www.ecycle.com.br/argila/>. Acesso em 7 de abril de 2023.

ARQUEÓLOGOS DESCOBREM PEDAÇO MAIS ANTIGO DE CERÂMICA NA CHINA. In: **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_china_ceramica_fn>. Acesso em 18 de abril de 2023.

ARTESANATO. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/artesanato.htm>. Acesso em 27 de maio de 2023.

AVELLO; SCHMITT, Adriano Sequiera; Denise Verbes. Por uma história moldada na argila: O uso de oficina de cerâmica para conhecer diferentes culturas. **Latino-Americana de História**; vol. 2, nº. 6, (2013). Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/Dialnet-PorUmaHistoriaMoldadaNaArgila-6238698%20(1).pdf> . Acesso em 7 de abril de 2023.

BÜRDEK, Bernhard E. **Design:** História, teoria e prática do design de produtos. São Paulo: Blucher, 2010.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2008.

CAVALLO, Cristina. aproximações entre arte, design e artesanato nas experiências do arts & crafts e do modernismo brasileiro. In: **Anais do SPGD 2017**. Anais...Rio de Janeiro(RJ) PPDESDI, 2018. Disponível em: <https//www.even3.com.br/anais/SPGD_2017/61869-APROXIMACOES-ENTRE-ARTE-DESIGN-E-ARTESANATO-NAS-EXPERIENCIAS-DO-ARTS--CRAFTS-E-DO-MODERNISMO-BRASILEIRO>. Acesso em 30 de maio de 2023.

CERÂMICA MARAJOARA A COMUNICAÇÃO DO SILÊNCIO. In: **Museu Goeldi.** Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/imprensa/downloads/catalogo-ceramica-marajoara.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2023.

CERÂMICA: A MAIS ANTIGA DAS INDÚSTRIAS. In: **Anicer**. Disponível em:<https://www.anicer.com.br/revista-anicer/revista-96/historia/>. Acesso em 21 de maio de 2023.

CERÂMICA MARAJOARA: INSPIRAÇÃO PARA NOSSA ESTAMPARIA. In: **Reserva natural**. Disponível em: <https://reservanatural.com.br/blog/conheca-a-ceramica-marajoara-inspiracao-para-nossa-estamparia/#:~:text=Uma%20das%20caracter%C3%ADsticas%20mais%20marcantes,que%20%C3%A9%20feito%20%C3%A0%20m%C3%A3o.>. Acesso 21 de maio de 2023.

CERÂMICAS E PINTURAS GREGAS. In: **Haac1**. Disponível em:<https://haac1.wordpress.com/2017/09/08/ceramicas-e-pinturas-gregas/>. Acesso em 21 de maio de 2023.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CERÂMICA. 57, 2013, Natal. **Análise da eficiência produtiva das indústrias cerâmicas**. Associação brasileira de cerâmica: [s.l.], [s.d.]. 9 p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. 9, 2019, Ponta Grossa. **A evolução e as estratégias do setor cerâmico no contexto brasileiro**. Associação paranaense de engenharia de produção: [s.l.], [s.d.]. 10 p.

CONSTRUÇÃO…, **Cerâmica brasileira**. [s.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/b877f9b38e787b32594c8b6e5c39b244/$File/5846.pdf> Acesso em 27 de maio de 2023.

COTTÁ - Cerâmica Autêntica. **[Sem título].** [s.l.]. 17 mai 2023. Instagram: @ceramicacotta. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CsXfN-0MW4x/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

COTTÁ - Cerâmica Autêntica. **[Sem título].** [s.l.]. 20 jan 2023. Instagram: @ceramicacotta. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CnoolAOuQaM/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

CUP AND SAUCER FROM A TEA SERVICE, C. 1930 MARGARETE HEYMANN-MARKS LÖBENSTEIN; MANUFACTURER: HAËL-WERKSTÄTTEN. In: **Mia**. Disponível em: <https://collections.artsmia.org/art/40601/cup-and-saucer-from-a-tea-service-margarete-heymann-marks-loebenstein>. Acesso em 30 de maio de 2023.

CURIOSA. **[Sem título].** [s.l.]. 4 dez. 2022. Instagram: @curiosa_curiosa_. Disponível em <https://www.instagram.com/p/ClwaDzqvz75/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

CURIOSA. **[Sem título].** [s.l.]. 12 mar 2023. Instagram: @curiosa_curiosa_. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cpskd4ROswF/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

CURIOSA. **[Sem título].** [s.l.]. 19 nov 2022. Instagram: @curiosa_curiosa_. Disponível em <https://www.instagram.com/p/ClJKXOOrYb5/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

DIAS; SEGER, Carolina Kesser Barcellos; Dayanne Dockhorn. A Representação Feminina Nos Vasos Cerâmicos Áticos: A Análise Do Discurso Iconográfico Como Método Para Novas Reflexões. **Cadernos do Lepaarq**; vol 14, n 27, (2017). Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/10543-Texto%20do%20artigo-39611-2-10-20200729%20(3).pdf>. Acesso em 23 de maio de 2023.

DINNER PLATE, C. 1930 MARGARETE HEYMANN-MARKS LÖBENSTEIN; MANUFACTURER: HAËL WERKSTÄTTEN. In: **Mia**. Disponível em: <https://collections.artsmia.org/art/40470/dinner-plate-margarete-heymann-marks-loebenstein>. Acesso em 30 de maio de 2023.

DO TESO MARAJOARA AO SAMBÓDROMO: AGÊNCIA E RESISTÊNCIA DE OBJETOS ARQUEOLÓGICOS DA AMAZÔNIA. In: **Scielo.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/HBQsPWr84T5p9kkVkjZDK5M/?lang=pt#ModalFigf05>. Acesso em 12 de maio de 2023.

DOCUMENTARY ON POND FARM ARTIST MARGUERITE WILDENHAIN TO AIR ON PBS. In: **The Press Democrat**. Disponível em: <https://www.pressdemocrat.com/article/entertainment/documentary-on-pond-farm-founder-marguerite-wildenhain-produced-by-steward/?artslide=1>. Acesso em 28 de maio de 2023.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**. [s.l.]: Cosac & Naify, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: GEN-Atlas, 2022.

GHOSH,Pallab.ARQUEÓLOGOS DESCOBREM PEDAÇO MAIS ANTIGO DE CERÂMICA NA CHINA. In: **BBC News Brasil.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_china_ceramica_fn>. Acesso em 12 de maio de 2023.

JEWISH WOMEN CERAMICISTS FROM GERMANY AFTER 1933. In: **Jüdischer Museum Berlin**. Disponível em: <https://www.jmberlin.de/en/exhibition-tonalities>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGARETE (GRETE) HEYMANN LOEBENSTEIN MARKS TEA SET 1929–1930. In: **MoMA**. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/404564>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGARETE HEYMANN-MARKS FOR HAËL-WERKSTAETTEN ASSEMBLED MARGARETE HEYMANN-MARKS FOR HAËL-WERKSTAETTEN GLAZED CERAMIC TEA SERVICE, CIRCA 1930. In: **Artsy**. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/margarete-heymann-marks-for-hael-werkstaetten-assembled-margarete-heymann-marks-for-hael-werkstaetten-glazed-ceramic-tea-service>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGARETE HEYMANN-MARKS LÖBENSTEIN. In: **Google arts & culture**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/margarete-heymann/m0swq00x>. Acesso em 12 de maio de 2023.

MARGARETE 'GRETE' MARKS. In: **Ben Uri Gallery And Museum.** Disponível em: <https://benuri.org/artists/93-margarete-grete-marks/biography/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGUERITE FRIEDLANDER WILDENHAIN. In: **The Marks Project.** Disponível em: <https://www.themarksproject.org/marks/wildenhain>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGUERITE WILDENHAIN AMERICAN, BORN FRANCE 1896–1985. In: **MoMA.** Disponível em: <https://www.moma.org/artists/6366>. Acesso em 30 de maio de 2023.

MARGUERITE WILDENHAIN BOWL C. 1945. In: **MoMA**. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/2406>. Acesso em 28 de maio de 2023.

MARGUERITE WILDENHAIN, POND FARM PORTRAIT VASE WITH EAR HANDLES, GUERNEVILLE, CA. In: **Artsy**. Disponível em: <artsy.net/artwork/marguerite-wildenhain-portrait-vase-with-ear-handles-guerneville-ca>. Acesso em 28 de maio de 2023.

MARGUERITE WILDENHAIN, POND FARM VASE WITH PORTRAIT, GUERNEVILLE, CA. In: **Artsy**. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/marguerite-wildenhain-vase-with-portrait-guerneville-ca>. Acesso em 28 de maio de 2023.

MARÔ ANTUNES. **[Sem título].** [s.l.]. 21 abr 2022. Instagram: @maroantunes. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CcoaNwXL-S5/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

MARÔ ANTUNES. **[Sem título].** [s.l.]. 8 jul 2022. Instagram: @maroantunes. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CfxdvQZL0Fb/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

MINERAIS ARGILOSOS. In: **Serviço Geológico do Brasil-CPRM**. Disponível em:<http://www.cprm.gov.br/publique/SGB-Divulga/Canal-Escola/Minerais-Argilosos-1255.html> . Acesso em 21 de maio de 2023.

MOTTA, José Francisco Marciano. et al. As matérias-Primas Plásticas para a cerâmica tradicional: Argilas e Caulins. **Cerâmica Industrial**; vol 9, n 2 , (2004). Disponível em: <https://www.ceramicaindustrial.org.br/article/5876571d7f8c9d6e028b46ae/pdf/ci-9-2-5876571d7f8c9d6e028b46ae.pdf> . Acesso em 2 de junho de 2023.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Catálogo marajoara. A comunicação do silêncio, 2010.** Brasil: Ministério da ciência, tecnologia e inovação, 2010. 48 p.

NAVARRO, R. A Evolução dos Materiais. Parte 1: da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Eletrônica de Materiais e Processos**, vol. 1, nº 1 (2006). Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/32246.pdf>. Acesso em 7 de abril de 2023.

NOSSA HISTÓRIA. In: **Oxford** Disponível em: <https://www.oxfordporcelanas.com.br/institucional/nossa-historia>. Acesso em 12 de maio de 2023.

O QUE FOI A BAUHAUS, A ESCOLA QUE UNIU ARTES, DESIGN, ARQUITETURA, MARCENARIA E TUDO MAIS. In: **Semente.** Disponível em: <https://www.semente.co/post/bauhaus-escola-de-artes-aplicadas>. Acesso em 21 de maio de 2023.

OS ARTESANATOS E O CÉREBRO. In: **Saúde Mental.** Disponível em: <https://www.saudemental.psc.br/materias/esclarecendo/1450-os-artesanatos-e-o-cerebro>. Acesso em 30 de maio de 2023.

PAMELITAS. **[Sem título].** [s.l.]. 10 mar 2023. Instagram: @studiopamelitas. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CpnTUNfu-af/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

PAMELITAS. **[Sem título].** [s.l.]. 13 out 2022. Instagram: @studiopamelitas. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CjqTwstOnJv/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil**. São Paulo: Martins, 1958.

QUANDO O ARTESANATO “DEIXOU” DE SER ARTE?. In: **Briselier.** Disponível em: <https://briselier.com/artesanato-deixou-de-ser-arte/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

QUEM SOU. In: **Studio Pamelitas.** Disponível em: <https://www.studiopamelitas.com.br/quem_sou/>. Acesso em 1 de junho de 2023.

RAMOS, S. O. et al. Caracterização de argilas usadas para cerâmica estrutural. **Eletrônica de Materiais e Processos**; vol 5, n 3, (2010). Disponível em: <http://www2.ufcg.edu.br/revista-remap/index.php/REMAP/article/viewFile/194/174>. Acesso em 30 de maio de 2023.

RESULTADO FINAL. In: **Prêmio Oxford de Design 2020.** Disponível em: <https://www.premiooxforddedesign.com.br/resultado> Acesso em 21 de maio de 2023.

ROMERO; BALISCEI, Flávia Fiorini; João Paulo. “Você trabalha ou só faz artesanato?” a desvalorização do trabalho artesanal atravessando as questões de gênero. **Textura,** Maringá, v. 24, n. 59, p. 224-247, jul./set. 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/7006/4403>. Acesso em 12 de maio de 2023.

SANTIAGO, Emerson. Arte marajoara. **Infoescola**, [s.l.], 21 de março. 2023. Disponível em:<https://www.infoescola.com/artes/arte-marajoara/>. Acesso em 21 de maio de 2023.

SAÚDE: BENEFÍCIOS DA ARTESANATO PARA A SAÚDE MENTAL E FINANCEIRA!. In: **Arte Bazar.** Disponível em: <https://www.artebazar.com.br/blog/post/saude-beneficios-do-artesanato-para-a-saude-mental-e-financeira#:~:text=Diminui%20o%20estresse%20e%20a%20ansiedade&text=O%20artesanato%20ajuda%20a%20diminu%C3%AD,c%C3%A9rebro%20a%20possibilidade%20de%20desacelerar>. Acesso em 30 de maio de 2023.

SCHAAN, Denise Pahl . A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara. **Arqueologia**; vol 16, n 1, p. 31-45, (2003). Disponível em: <http://www2.ufcg.edu.br/revista-remap/index.php/REMAP/article/viewFile/194/174>. Acesso em 30 de maio de 2023.

SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 247-260, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 de maio de 2023.

SORKIN, Jenni. **Live Form:** Women, Ceramics, and Community. [s.l.]: University of Chicago Press,2016.

STRAUSS, Claude Lévi. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1986.

TANGAS. In: **Museu Nacional**. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/arqbra008.html>. Acesso em 06 de maio de 2023.

TRABALHO ARTESANAL É TENDÊNCIA PARA 2021. In: **Z Magazine.** Disponível em: <https://zmagazine.com.br/trabalho-artesanal-e-tendencia-para-2021/>. Acesso em 30 de maio de 2023.

VENCEDORES. In: **Prêmio Oxford de Design 2020.** Disponível em: <https://www.premiooxforddedesign.com.br/resultado> Acesso em 21 de maio de 2023.